

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Volume XXXVII

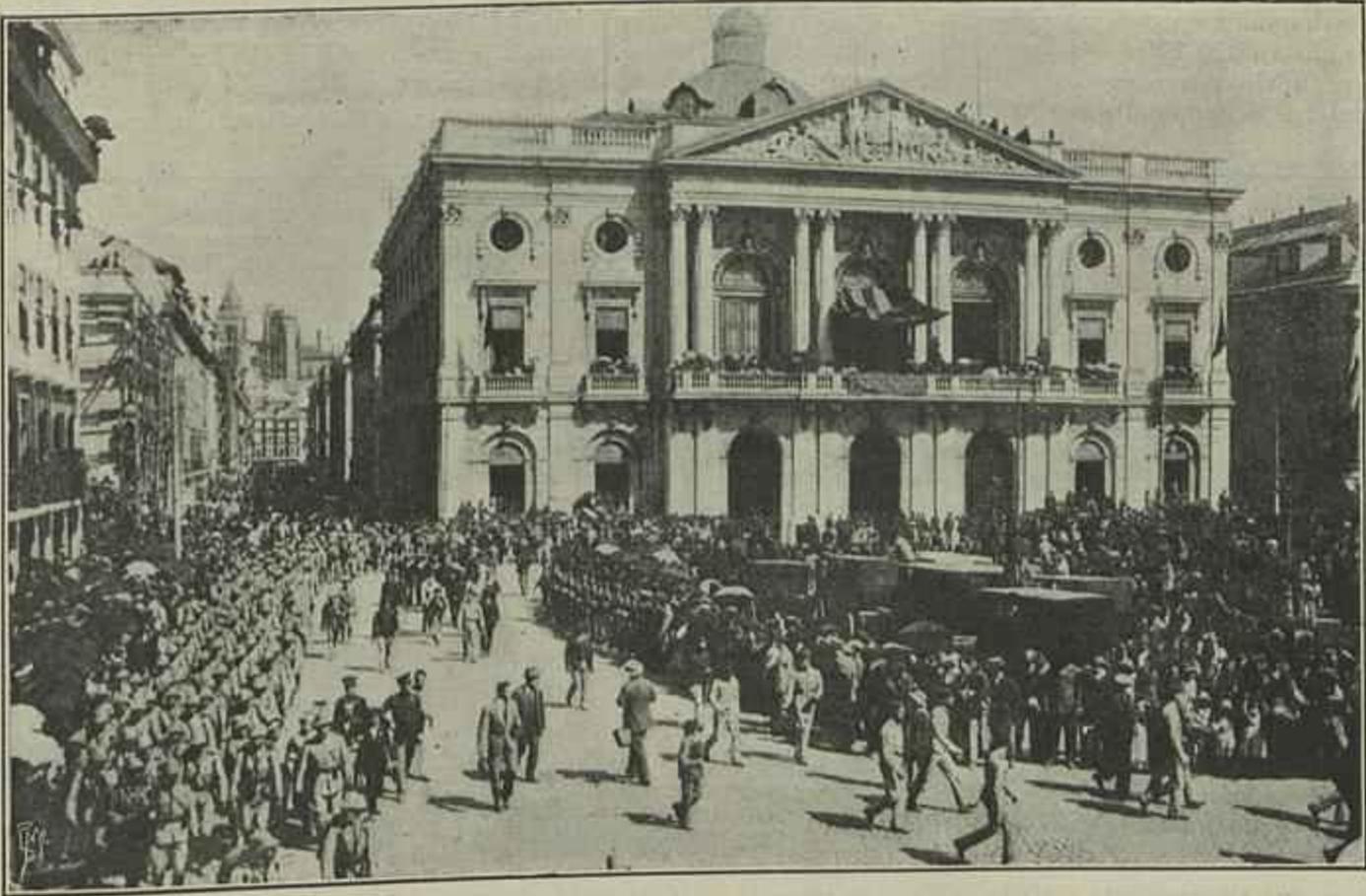
Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

20 de Setembro de 1914

Composto e Impreso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1286

Expedição Militar às Províncias de Angola e de Moçambique



PASSAGEM DAS TROPAS NA PRAÇA DO MUNICIPIO EM CONTINENCIA AO SR. PRESIDENTE ARRIAGA — EMBARQUE DAS TROPAS PARA BORDO DO «DURHAM CLASTLE»

CRONICA OCCIDENTAL

Pé ante pé, aproxima-se de nós a quadra formosíssima do outono. Eil-a que vem e vem, perturbadoramente, a passinhos leves, envolta em louçanias, a fluídizar em sorrisos a sua fisionomia linda... Outono! Outono!

Estação graciosíssima do ano, poesia a contornar-se em realidade, chega num deslumbramento, irisando em arcos de flôres a sua passagem, aflora em gestos de magia o espaço, e toda a natureza queda fita e suspensa de êxtase. Presentimol-a, que nos toma a frente num afago, as suas mãos, que teem a maciêsa das pétalas de camélias, fecham-nos os olhos docemente, e os seus lábios, húmidos de carícias, poisam aos páiros em a nossa bôca sequiosa, e, breve a breve, apalpam-nos os ouvidos a segredar numa voz de namorada que pa-

querida, e bem amada dos corações lusíadas, nós, que, ao vê-la surgir, numa auréola de ouro, á beirinha da noss'alma, sorrimos de esperança — na hora da abalada, os olhos perdem-se-nos de saudade nos olhos dela...

Bemvinda! Sóror Bemvinda do Outono!

Lá partiram para terras d'além-mar tropas portuguezas — e nesse dia, reverberante de entusiasmo, exuberante de vida, parece que tudo se conjugara na natureza para lhes dar na hora da partida as mais festivas saudações.

Calix de luz — o sol derramava bençãos sobre as suas frentes saudosas e ungiã-os para a gloria...

O mar era calmo, serenissimo, todo envolto em rendas finas de espumas, aconchegando-os de carícias, retemperando animos para a luta, a leval-os bonança-

ainda — em Africa adusta que o sangue luso regou, anos tantos, em borbotões, — em Africa negra que a espada lusa desbravou e iluminou a jorros. Até quando — ficará sem efectivação a nossa posse, terra de conquista posta ao abandono, sem estradas, sem linhas ferreas, sem estabelecimentos agricolas?...

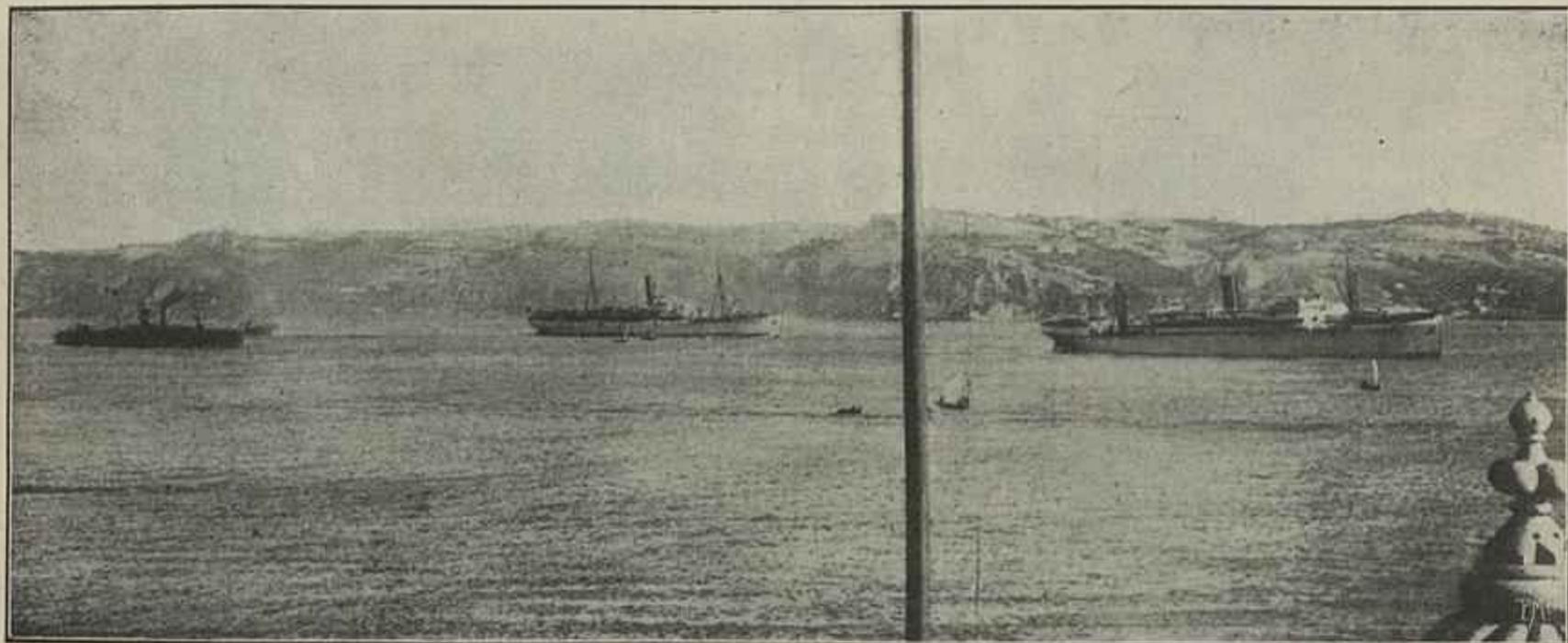
Sabemos lá! Entretanto, reverbera da nossa alma de portuguezes ainda uma restea de esperança.

ANTONIO COBEIRA.



Expedição militar ás provincias de Angola e de Moçambique

A expedição militar ás provincias de Angola e de Moçambique a que nos referimos no numero antecedente, partiu no dia 11 a bordo dos vapores *Cabo Verde* e *Moçambique* da Empresa Nacional de Navegação, e do vapor inglês *Durham Castle*, conforme escrevemos no referido numero.



OS TRANSPORTES «MOÇAMBIQUE» E «DURHAM CASTLE» SEGUIDOS PELO CRUZADOR «ALMIRANTE REIS» CONDUZINDO AS EXPEDIÇÕES MILITARES, PASSANDO EM FRENTE DA TORRE DE BELEM

rece um acorde de harpas eolias remotissimas: Quem é? Quem é? Outono! Outono!

Horas e horas, ainda por ali nos deixamos ficar, á sombra das olaias, onde as ardencias do verão nos fizeram acolher, a ouvir a sua voz de romaria que toma forma e eco nos longes da paisagem. Os hortos, menos ricos, engalanam-se, em acção de graças, das vestes mais garridas, bordadas a filigrana de ouro, tecidas de perfumes, que as brisas osculam suavemente.

E a quadra formosíssima do outono derrama bençãos pelo infinito. Ergue-se, a sorrir — e o seu sorriso dulcissimo enche de maravilha a natureza. Vai caminhando — os perfumes seguem-na e de longe a melodia das esferas acompanha o ritmo dos seus passos. Transfigura-se na distancia — e os seus olhos azues de fada evocam no horisonte visões de encantamento. A' sua passagem, as arvores ofertam-lhe a ambrosia dos seus frutos e, ao desaparecer no tempo, erguem os braços em preces doloridas, modulam na sombra trenos de agonia, rojam de nojo a folhagem das suas vestes roçagantes e imploram, dia e noite, da misericordia de Deus o cilicio rigorosissimo do vento. E nós, de nós tão

mente, num carreiro luminosissimo de memorias, a esses páramos distantes, onde o genio portuguez se impôs e impôs dominadoramente a sua crença. Os alcíões esvoaçavam aos páiros em torno, pondo nas coisas e nas almas frémidos de sonho e por ali se deixaram ficar ainda, a resar as bôas horas da despedida, enquanto os heroes se iam transfigurando, ao longe, instantes a instantes, nos longes feéricos do poente. De longe, os montes da nossa terra diziam-lhes — adeus — adeus — estendendo as suas mãos de sombra pelo espaço...

E mar em fóra, lá iam as chamadas forças expedicionarias, que são nossos amigos e nossos irmãos, numa róta de aventura, assomando ás amuradas dos navios, acalentando no coração a imagem da terra que lhes foi berço de encanto e as afeições que por ali criaram.

Aonde vão eles? Aonde vão eles?

Não querem saquear, nem alastrar garras sobre espolios — como aves de rapina, á espia de presas, sobre corpos imbeles. Sómente, nem mais, nem menos, pretendem salvaguardar o nosso patrimonio de tradições, proteger as sombras dos nossos mortos gloriosos, preservar sementeiras que não frutificaram nem sequer floriram

As forças expedicionarias, batalhões do 14 de infantaria e 15, vindos respectivamente de Viseu e de Tomar, assim como os contingentes de cavalaria 10 e de artilharia de montanha, vindos do Porto e de Evora, chegaram a Lisboa nas vésperas da partida, sendo a sua entrada na cidade saudada pelo povo que lhe fez entusiastica recepção na estação de Santa Apolonia.

O dia da partida foi como que um dia de gala em Lisboa, pois não só houve tolerancia de ponto em todas as repartições do Estado, como a maior parte dos estabelecimentos de commercio e industriaes fecharam dando soeto aos seus empregados para irem ao bota-fóra dos expedicionarios.

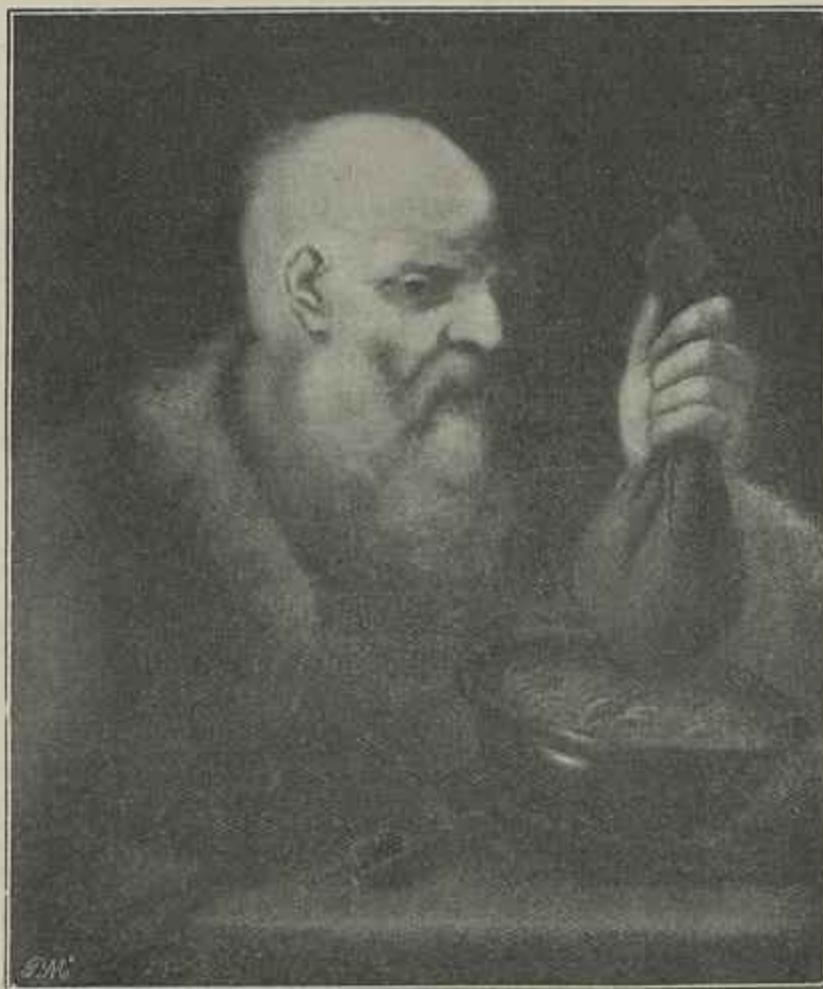
Lisboa apresentou naquele dia aspeto desusado e animadissimo, convergindo toda a população á grande Rotunda e Avenida da Liberdade, onde as tropas se formaram, e encheu as ruas por onde aquelas deviam marchar para o embarque.

Formadas as forças na Rotunda, com os seus comandantes e estado maior á frente, assim principiaram a desfilar pelas 13 1/2 horas, Avenida abaixo, em direcção ao Rocio, rua do Ouro, rua do Comercio e Praça do Municipio, por entre a multidão que os aclamava com delirio, enquanto das janelas dos predios, algumas enfeitadas de bandeiras e colgaduras, as senhoras batiam palmas, acenavam com lenços e espargiam flôres sobre os expedicionarios, num entusiasmo febril como raras vezes se tem presenciado em Lisboa.

Na Praça do Municipio as tropas passaram em continencia a sua ex.ª o Presidente da Republica, que se encontrava com os membros do governo na varanda dos Paços do Concelho.

Os expedicionarios, feita a continencia, seguiram para o embarque, indo os destinados a An-

André Sacchi



O BANQUEIRO ISRAELITA

Coleção Moreira Fraine

A lenda das lágrimas



Palacio colossal d'um velho imperador.
Paredes de marfim, trono de pedrarias,
Mêsas de ambar, corais... rubras tapeçarias...
O Coração é rei, o príncipe é o Amôr!

Jardins onde se vêem, mil fontes cristalinas.
Ha baile no palacio. E' que casou o herdeiro,
A noiva chama-se alma. Ri o palacio inteiro.
Ha regosijo, ha vida... E ballam bailarinas...

Lágrimas têm por nome... e choros os bailados!
Que dança estonteante e que cansaço emfim.
Vão tombar a sonhar co'os corpos fatigados.

Com meus olhos que são as taças com que brindo
Nas bacanais da dêr que existem dentro em mim,
Faço um brinde que ofereço a essas que vão caindo!

ALFREDO PEDRO GUIADO.



CAPITÃO FREDERICO XAVIER DA SILVEIRA MACHADO, CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA COLUNA EXPEDICIONARIA A ANGOLA.

gola, pela rua do Arsenal, Praça do Comercio, rua da Alfandega até o Caes da Fundição; os destinados a Moçambique marcharam pelas ruas do Arsenal e 24 de Julho até ao Posto de Desinfeção onde estava atracado o *Durham Castle*.

Nestes percursos o povo acompanhou sempre os expedicionarios vitorizando-os, soltando vivas á patria e ao exercito sem um momento de des-canso.

Ao mesmo tempo sua ex.^a o Presidente Ariaga dirigia se, com sua comitiva e ministros, para o Arsenal de Marinha a embarcar no *Admator* que o devia conduzir ao bota-fôra da expedição.

Pelas 15 horas formava-se o cortejo fluvial que acompanhava até á barra os vapores transportes. Na frente seguia o *Durham Castle* depois o *Mo-*

çambique (1) comboiado pelo *Almirante Reis*, canhoneiras *Ibo* e *Beira*, que se lhe juntaram proximo da barra. Muitos barcos e vapores com varias corporações e particulares, seguiam esta flotilha e, no mar como em terra, não cessaram as aclamações aos expedicionarios, que por sua vez a elas correspondiam, agora debruçados pela amurada dos navios, ou marinheiros pelas enxarcias enviavam as ultimas despedidas da partida a tantas almas saudosas que aqui ficavam de mães, esposas, filhos, irmãos e amigos, dos que iam cumprir o seu dever pela patria.

Em o numero antecedente aqui nos referimos ás forças de que se compõem a expedição, a mais numerosa e completa que depois da celebre expedição ao Gungunhana, se tem organizado nos ultimos tempos.

Referencias fizemos aos comandantes da expedição e officaes, em que se encontram muitos para os quaes as paragens africanas não são desconhecidas.

Nestas circunstancias está o capitão sr. Frederico Xavier da Silveira Machado, ao qual foi confiada a importante comissão de chefe dos serviços administrativos da coluna expedicionaria a Angola, cargo da maior responsabilidade, que de certo vae desempenhar com aquella provada competencia que a sua folha de serviços garante.

Sem ser preciso bordar frases sobre os serviços que o sr. Frederico Machado tem prestado, basta citar as notas officaes da sua vida militar, para se lhe fazer o justo elogio.

Ellaes:

O capitão Francisco Xavier da Silveira Machado nasceu em Elvas a 26 de dezembro de 1872, filho do capitão Anibal Augusto da Silveira Machado. Coursou com distincção o Colegio Militar e, sentando praça em 10 de outubro de 1888, foi promovido a alferes para o exercito da Africa Ocidental, em 7 de dezembro de 1893, passou ao corpo de officaes da administração militar em 14

(1) O *Cabo Verde* havia partido na vespera com material de guerra, artilharia e cavalos.

de novembro de 1895, promovido a tenente em 30 de junho de 1903 e a capitão em 19 de janeiro de 1911.

No serviço na metropole tem desempenhado varios cargos, como tesoureiro do conselho administrativo da Secretaria da Guerra, adjunto do inspector dos serviços administrativos, servindo tambem no grupo de baterias de artilharia a cavallo em Queluz e no batalhão de caçadores n.º 2.

Nas nossas colonias tem percorrido todas, servindo na Companhia de Moçambique como secretario do governo de Manica e comandante da policia da mesma sede.

Na Guiné, foi chefe da 2.ª repartição do Quartel General, administrador do concelho de Bolama, chefe dos serviços administrativos da coluna de operações no Geba e tomou tambem parte na coluna de operações da Guiné de 19 de março a 15 de maio de 1908.

Em Timôr, chefe da 2.ª repartição do Quartel General e administrador do concelho de Dilly.

Em Angola, onde mais uma vez vae prestar os seus serviços, desempenhou varios cargos, entre eles os de chefe da 2.ª repartição da secretaria militar, chefe do concelho do Dombe Grande, secretario do governo de Huila e Benguela e chefe dos serviços administrativos da coluna de operações nos Dembos, em 1913.

E' condecorado com o grau de cavaleiro da extinta ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, medalha de prata de comportamento exemplar, medalha da Campanha da Guiné, em 1908, e os louvores contam se pelos logares que tem ocupado, distinguindo se entre outros o do teor seguinte, publicado no *Boletim Militar do Ultramar*, n.º 1, de 1909:

«Louvado pelo zelo e dedicação com que desempenhou o serviço administrativo nas primeiras operações de Geba, salientando se ainda no combate de campanha, onde, devido á falta de officaes, tomou parte muito activa fazendo serviço de official combatente quando na defeza do pequeno comboio e ainda pela muita energia e boa vontade que demonstrou no serviço de descarga e distribuição dos reabastecimentos pelos postos de etape.»

CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

No Baltico e no Mar do Norte tem sobrado muitos navios, em consequencia das minas collocadas pelos allemães. Contra essa selvageria se levanta a Inglaterra, dando caça a esses terriveis engenheiros.

Combate naval a valer, deu-se perto de *Heligoland*, entre pequenos cruzadores e *destroyers* ingleses e allemães. Cinco unidades allemães foram mettidas no fundo, perecendo cerca de 900 homens. Entre os prisioneiros conta-se o filho do almirante *Tirpitz*, ministro da marinha allemão.

Heligoland, considerada a *Gibraltar do Mar do Norte*, foi adquirida em 1890, cedida pela Inglaterra, que a tomou á Dinamarca em 1807. Tem uns 55 hectares e 2000 habitantes, pescadores e pilotos. E' um rochedo soberbo, em cujo planalto, por onde se sobe por 193 degraus, existe soberba vegetação. Chama-se o *Oberland*. Na base da rocha ha o *Unterland*, composto apenas de areia e algumas casas.

A Allemanha, ao que parece, reserva o grosso da esquadra para jogar em ultimo recurso.

Entre as victimas d'esta horrenda lucha devem citar-se o *principe de Lippe*, allemão, o deputado francès *Pierre Goujon*, o general *Plessier*, o barão *Jean de Crepy*, neto do famoso general *Chanzy*, heroe do 70, o visconde *Olivier Douglas*, o visconde *Roger de Ferre de Peroux*, o ten. coro-

nel *Patrice Mahon*, historiador e soldado valente; auctor de *L'armée russe*, publicado em 1906.

O exercito francès na Alsacia teve que ceder uma grande parte de terreno conquistado, para reforçar a ala esquerda. Houve deserções que custaram a demissão do general *Amade*.

Todas as esperanças convergem na re-

sistencia de Paris, até que os russos ataquem Berlim, para onde o general *Rennen-Kampf* dirige as suas tropas. Mas tem que esbarrar no *Vistula* e no *Oder*.

O general *Gallieni*, governador militar de Paris, exprime toda a confiança do povo frances na victoria final. E' um heroe de 1870, commandou tropas em Soldão, na Indo-China e Madagascar; é um sabio; pertence á *Academia de Sciencias*.

Os jornaes não podem publicar supplementos e ao *Times* esteve prohibida a entrada em França, não obstante a censura inglesa.

O povo francès protesta contra as falsas noticias da guerra.

As ultimas noticias dizem que um aeroplano francès foi animar os bruxellenses e que um allemão, voando sobre Paris, intimou a cidade a render-se.

Os allemães deixaram o campo entrincheirado de Paris á sua direita, marchando na direcção sudoeste.

Calcula-se que o seu alvo é cortar o exercito alliado, separando as forças de *Fau*, que commanda na Alsacia, das de *Joffre* e *French*.

A verdade porém é que os alliados conseguem avançar successivamente, retirando os allemães para nordeste. As tropas francèsas transpuzeram o *Marne*, entre *La Ferté-sous-Jouarre* e *Chateau Thiersy*, auxiliadas pelo exercito britannico que tomou ao inimigo grande numero de metralhadoras, fazendo-lhe muitos prisioneiros.



GENERAL JOHN FRENCH, COMANDANTE DAS FORÇAS INGLEZAS DO EXERCITO ALLIADO.

Conflagração Europeia

Os russos apossaram-se definitivamente de *Lemberg*, apoz porfiada lucta, em que houve horrivel morticinio de parte a parte, pois que os austriacos defenderam valentemente aquella cidade, arrebatada pela força do numero.

Os russos atacaram tambem os austriacos em *Tomasoro*, *Zawostje*, *Frampol* e *Lublin*, infligindo-lhes grandes perdas.

O avanço pela *Prussia Oriental* tem sido mais lento, dando tempo a que os allemães se concentrem.

Dizem os entendidos que a passagem do *Glogau*, em caminho para Berlim, é façanha bastante arriscada. As fronteiras austriacas do *Tyrol* estão optimamente defendidas. Todos os caminhos estrategicos se encontram admiravelmente protegidos.

O imperio allemão é defendido por 10 districtos fortificados, abrangendo cada um d'elles certa area com praças fortes. Os tres districtos que especialmente respeitam á actual guerra contra a Russia são: o de *Koenigsberg*, com as praças fortes de



GENERAL VON DER GOLTZ
COMANDANTE EM CHEFE DAS TROPAS ALEMÃS
NA BELGICA

em bateria os morteiros de 42 e os seus canhões de 18, cuja efficacia é indiscutivel. Onde estala um d'esses projecteis, faz-se logo um agulheiro por onde póde passar um cavallo. Esta artilharia é tambem empregada por elles para bater as trincheiras e desmoralizar o inimigo, antes de se dar a ordem de ataque. O seu alcance é muito superior ao dos canhões francêses. Ante esta avalanche de ferro e fogo se desfez um dos fortes de Namur, unico atacado, e pela brecha penetraram os allemães na praça.

Esta é tambem outra das novidades dos allemães. Não cercam uma praça: concentram todo o seu esforço num dos fortes avançados, até á sua completa destruição, e se têm bastante espaço livre, entram na praça, não se importando nada com os demais fortes, seguros de que não se fará o bombardeamento da praça, para não destruir nem matar os seus habitantes. Foi este o caso de Liège e de Namur.

Contaram fazer o mesmo em Paris, para



GENERAL VON MOLTKE
CHEFE DO ESTADO MAIOR ALEMÃO

Koenigsberg, *Dantzig*, *Pillau*, *Memel* e *Boyen*, sendo as duas primeiras, campos fortificados, e as outras, fortalezas de costa; o de *Posen*, cuja fortaleza tem campo entrincheirado, e com as fortalezas de *Glogau*, *Neuse* e *Glatz*; o districto de Berlim, com *Spandan*, *Magdeburgo*, *Torgan* e *Kustine*. Todas estas fortalezas estão ligadas por telegraphos submarinos e sujeitas a uma rêde estrategica de caminhos de ferro.

Os allemães, contam tambem com a dificuldade dos russos atravessarem a região dos lagos no começo do outomno. O avanço russo tem que tomar outro rumo.

O exercito allemão surprehendeu o mundo com o poder da sua formidavel artilharia de cêrco.

Na tomada de *Namur*, que foi rapida, as tropas do *Kaiser*, em vez de empregarem contra os fortes a artilharia ligeira, como haviam feito em *Liège*, puzeram logo



GENERAL VON FALKENHAYN
MINISTRO DA GUERRA DA ALEMANHA



CONTRA-ALMIRANTE VON TIRPITZ
COMANDANTE DAS ESQUADRAS DO NORTE



PRISIONEIROS BELGAS ESCOLTADOS POR SOLDADOS ALEMÃS



ARTILHERIA SERVIA ACERTANDO O TIRO



BORDEUS—PONTE SOBRE O GARONNE

Por esta ligeira noticia se póde avaliar da oportunidade da expedição portugêsa que ha dias seguiu para aquellas regiões.

Os allemães tomaram *Gand* e apressam-se em proteger Berlim, retirando-se do territorio francês.

Petrogrado, nome que agora foi dado a *S. Petersburgo*, que é de origem germanolatina, informa que os allemães foram batidos em *Meslince* e *Chavritz*.

Winston Churchill, ministro da marinha inglêsa, declarou que, aconteça o que acontecer, a guerra será concluida em conformidade dos interesses inglêses e da civilisação.

A supremacia naval da Inglaterra será mantida. A paz deve ser assignada ou em Londres ou em Berlim. O nosso fim é acabar com toda e qualquer guerra durante a nossa vida.

Os servios estão senhores de *Senlim* e d'uma grande parte da *Bosnia*.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

o que teriam de aniquilar pelo menos cinco fortes, um sector importante do campo entrincheirado, e, por ultimo, assaltar a muralha que cerca a cidade.

A Allemanha recua, apesar de todo o seu poder militar, que a Inglaterra jurou destruir. A victoria do *Reino Unido* avalia-se pelo sangue frio dos seus habitantes, que constantemente afluem á chamada ás fileiras. Não está longe o dia em que na Europa estejam combatendo 1.200.000 inglêses. Da Índia, do Canadá, do Egypto, de toda a parte accorrem os subditos do rei Jorge V para combaterem a favor do predominio da sua nação.

Na *Nyassalandia*, possessão inglêsa da Africa Austral, deram-se ha dias combates rijos entre subditos do *Kaiser* e de Jorge V. Deste houve 4 mortos e 7 feridos. *Nyassalandia* é, como se sabe, limitada a este pelo lago Nyassa e a colonia portugêsa de Moçambique, que limita tambem o sul; a oeste pela *Barotzelandia*, e a norte pelo Estado Livre do Congo e pela Africa allemã.



BORDEUS—ALAMEDA DE TOURNY—AVENIDA 30 DE JULHO E O MONUMENTO AOS GIRONDINOS

BRAGA

O novo Asylo de Mendicidade

Unicas, com reputação incontestada para o motivo de doenças hepaticas, são as aguas mineraes do Gerez, o grande atrativo da famosa região do Minho, onde brotam no extremo norte d'este nosso tão querido e, por vezes, amargurado Portugal.

Na paragem que para a maior parte dos aquistas se fazia em Braga, e hoje passa quasi despercebida, mercê da boa hora da chegada dos comboyos e da abundancia dos autos, que em menos de duas horas devoram os 40 kilometros da distancia ao Gerez, tive occasião de tomar, de um dia para o outro, algum descanso, e durante elle visitar e admirar as obras quasi completas interior e exteriormente do vasto edificio do Asylo de mendicidade existente no antigo Campo da Vinha, substituindo o extinto convento das freiras do Salvador, agora reconstituído e ampliado com a ala do norte, destinada a Asylo de Cegos.

Obra monumental que perpetuará a memoria dos beneficos sentimentos altruistas do Conde de Agrolongo.

Ainda bem que pela natureza e fim d'este instituto não está elle municipalizado, e lá dentro quem quer ser religioso livremente o pode ser, e nada obsta a que ore quem tiver devoção e queira praticar os actos e deveres de seu culto.

Terminava, ao tempo da nossa visita, uma refeição das asyladas. Vimos as velhinhas tropegas arriçadas ao seu bordãozinho, algumas de uma estrutura contrafeita, mas todas de aspecto sereno. Vinham de dar graças pela providencia que sobre ellas velava e todas reconheciam. Lia-lhes na fisionomia uma expressão de bondade que parecia eliminar-lhes as rugas do rosto e mais lhes alumia a amortecida luz dos olhos.

Dentro do vasto recinto, quando menos se espera, depara-se com uma impressionante surpre-



CONDE DE AGROLONGO
FUNDADOR DO NOVO ASILO DE MENDICIDADE EM BRAGA

sa d'arte; a Capella cuja existencia o exterior do edificio não faz presumir.

A quem possa dispor de algumas horas na sua passagem por Braga lembramos a visita á, ainda intacta, igreja do convento do Salvador. A obra de talha dourada é abundante, profusa, opulenta e perfeita; não se limita ao altar mór, todo o

grande arco do cruzeiro é d'ella revestido de alto a baixo: no pulpito, no orgão, na base do côro de cima é tudo talha dourada de finissimo lavor e perfeita conservação. O tecto do corpo da igreja é todo apainelado em arco emoldurando quarenta quadros de pintura a oleo com muita correcção de desenho e beleza de coloridos.

A benemerencia do conde de Agrolongo se deve ter, por enquanto, salvado aquella joia do furor iconoclasta dos que renegam o d'onde veem e não sabem para onde vão.

Motivam estas linhas a apresentação da photographia que as precede.

SILVA MATTOS.

VILLANCETE (1)

Se eu sou culpado, senhora
A culpa do meu peccado
Vem de vós que hei tanto amado.

Voltas

I

Nada dizer-vos devia,
Do que em mim se está passando,
De hora em hora ides ficando
Ao meu amor, muda e fria!
— Bem que o coração dizia!...
Mal de mim que já não posso
Merecer o riso vosso!

II

Era o meu sonho doirado,
— Ah! doe demais este espinho! —
Gosar do vosso carinho,
Viver do vosso cuidado,
Fez outro, a sorte, o meu fado,
Roubando de um pobre moço
A aurora do riso vosso.

III

Assim, de ora em diante vivo
Pensando no vosso affecto,
Anjo bom, anjo dilecto,
Que me fizestes captivo!
Já não sois meu lenitivo...
Roubaram-me o riso vosso,
Mas... mal querer-vos não posso!...

ARAÚJO FILHO.

(1) Do livro *Enchologia*, de Araújo Filho, de que esta redacção se occupará brevemente.



BRAGA — O NOVO ASILO DE MENDICIDADE

Folhas soltas

Capellinhas de Portugal

Espalhadas por todas as nossas provincias, as capellinhas de Portugal são pequenos poemas de crença, a cantarem constantemente hymnos de fé.

Nas cidades, quasi que nos esquecemos d'ellas, mas quando todos os annos nos encontramos no campo, quando caminhamos por esses atalhos, azinhagas, por esses campos verdejantes entre vales floridos, junto a fontes que entõem murmurios cadenciados de tristeza, passando ribeiros onde choupos se espêlham nas suas aguas crystalinas, então lembramo-nos das ermidas risonhas, dentro da sua humildade, recebendo nas encostas os primeiros raios do sol.

Atravez da paisagem em que tudo nos falla, na sua linguagem simples e poetica, desde o chilrear da avesinha até á cantiga triste do cabreiro, não ha nada que desprenda de si tanto perfume de mysticismo como a solitaria capellinha sempre branca como a espuma do mar, na encosta ou no alto da montanha.

A capellinha sempre revestida de um aspecto risonho, ora junta ao cemiterio, ora isolada, domina geralmente um vale e quando olhamos para ella dá-nos a illusão que nos conta encantadoras lendas ou que nos indica que a crença popular nunca desaparecerá.

As capellinhas serão os esteios da Fé, o alimento espiritual das almas portuguezas. A capella é o ponto de reunião das festas aldeans, das romarias, o adro é o lugar onde se iniciam amores, é por alli que passará a cachopa mais formosa do lugar. Um logarejo sem ermida é um corpo sem vida.

Quando á tardinha, á hora dos trabalhadores voltarem das fazendas, o sinosinho espalha pelo espaço os sons melancolicos das *Ave-Marias*, em que o sol derrama pelo ceu os ultimos lampejos da sua brilhante luz, são momentos impregnados de tal belleza esthetica que sómente os românticos comprehendem. O ar parece impregnado de uma luz suave e os sons do sino lá vão ecoar ao longe e perderem-se no infinito da realidade.

Cada capella é uma invocação á Virgem, n'esta aldeia vemos a imagem da Senhora do Carmo, mais além a Senhora da Luz, lá ao longe a Senhora da Agonia.

Em cada altar uma pequena luz de azeite espalha uma tenue claridade. Será promessa? Quantas vezes! A realisação de uma supplica, alguma afflicção, um rosario de lagrimas, uma dôr mitigada e quantas vezes mysterios d'amores profanos!

Respeitem essas capellinhas do nosso Portugal, não lhes toquem, não as profanem! Não serão ellas a fiel imagem da crença dos nossos avós, da nossa fé?!

São paginas arrendilhadas de sonhos idealizados pela nossa imaginação de sentimentalistas.

São ellas a forma symbolica de milhares de corações a elevarem-se ás regiões do além, são invocadoras do sagrado nome de Maria Immaculada!

Não lhes toquem, não as profanem, nunca!

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

ROMANCE

M. Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

I

As nuvens que permaneciam acasteladas afastaram-se por um momento e um raio de sol de abril veio bater no vitral do *bowwindow*, especie de estufa confortavel onde Myrto descansava, numa grande cadeira de braços, a sua cabeça delicada.

N'aquelle confortavel recinto havia uma atmospheria perfumada de violetas e flôres campestras que cresciam em caixas de madeira e de zinco aqui e alli espalhadas. Myrto repousava com os olhos semi-fechados, e os braços estendiam-se sobre o leve vestido branco. As linhas do rosto, d'uma pureza admiravel, evocavam a recordação d'essas incomparaveis estatuas da divina e notavel Grecia. No entanto, Myrto, tendo apenas dezoito annos, ainda sua formosura estava a desabrochar.

Sobre a nuca uma trança cahia dando-lhe um aspecto de mais nova.

Myrto permanecia immovel e no entanto não dormia. O seu cuidado filial não a deixava descansar, em breve, amanhã talvez, encontrar-se-hia sosinha sobre a terra. Nenhum parente havia para a socorrer, nenhum lar para a receber. Agora tinha a sua mãe, mas morta esta, a pensão da sr.^a Elyanni desaparecia com ella.

Myrto era filha d'um grego e d'uma hungara de raça nobre. A condessa Hedwige Gisza tinha ido contra a familia espousando Christos Elyanni, que era um artista em todo o sentido. De espirito ideal, vivia n'um sonho perpetuo onde fluctuavam visões de beleza sobrehumana. A bonita hungara, vista um dia em Paris em uma festa de caridade onde Christos estava levado por um amigo, tinha-o encantado, ficando fascinado pela formosura dos seus olhos azues.

Ella por seu lado, notára n'aquelle desconhecido, de cabellos compridos, um rosto completamente differente do vulgo. Um olhar vago cheio de encanto. Foi apresentada ao artista, tendo obtido da velha prima que a acompanhava a permissão de Christos lhe fazer o retrato. Um bello dia, ella offereceu-lhe a mão e o joven grego, que a amava em silencio, não a poude recusar.

Ella era maior, sem parentes proximos, gozando uma regular fortuna, independente. Tornou-se a sr.^a Elyanni... e foi um casamento ora feliz ora infeliz.

Felizes porque estavam unidos por um amor profundo, infelizes porque tinham defeitos identicos, gostos muito semelhantes. A natureza sonhadora e muito idealista de Christos esperava na sua companheira encontrar a razão firme, um pensar moderado, habitos praticos, mas encontrou em Hedwige um encantador passaro adorando as flôres, a luz, os estófos claros, incapaz d'um pensamento serio e ignorando toda a lide da casa. Depois de terem vivido dois annos na patria de Christos, vieram para Paris. O pintor gostava d'esta cidade onde nascêra, onde morrera a sua mãe, uma franceza.

Elle não gostava nada do reclamo, e as suas obras pelo caracter de idealismo não se adaptavam ás tendencias modernas. Não ganhou fortuna, e no dia em que faleceu Christos, a viuva apenas ficou com uma insignificante fortuna, deixada tempos antes ao marido por um primo que morrêra na ilha de Chio.

Myrto tinha n'essa época doze annos. era uma creança viva e alegre, idolatrada de seus paes. A direcção a cargo d'uma professora, a preservou felizmente das consequencias que podia ter a educação dada por dois seres, aliaz bons, mas não aptos para educarem uma criança. E a morte de Christos fez ver que a pequena Myrto, dominando a dôr que lhe causava a perda d'um pae, soube encher de carinhos a existencia de sua mãe cuja saude cada vez diminuia mais.

Mãe e filha installaram-se em Nevelly, n'uma pequena casa, no quarto andar d'um predio habitado por empregados do commercio.

— Não posso passar sem flôres, dizia ella ao tutor de Myrto, que com o maximo cuidado ia convencendo a madame Elyanni que não podia gastar tanto dinheiro com flôres.

— Oh! não é necessario que minha mãe fique privada das suas flôres! disse Myrto, traduzindo pela falla a sua firmeza de caracter.

Myrto, além de ser uma optima violinista, ia-se tornando uma profunda conhecedora dos arranjos da casa. Myrto era uma alma delicada, pura, de bom coração, christan admiravel, mulher de energia e de grande cultura.

Ha muitos annos que a sr.^a Elyanni não queria sahir, passando os dias estendida n'um sophá ora pensativa, ora trabalhando e fixando o olhar no ultimo quadro pintado por Christos, que representava sua mulher e filha recebendo a luz de uma grande janella.

Ha dois dias que Myrto via bem o estado em que se encontrava sua mãe. No silencio que reinava já ha tempos, uma voz fraca disse:

— Myrto!

Ella correu logo para a cama e disse com voz dôce:

— Estou aqui, minha mãe. Quer alguma coisa?

E deu-lhe um beijo na fronte.

— Quero-te fallar. ouve, Myrto, comprehendo o meu estado, visto que a morte se aproxima.

— Minha mãe, então!

Os olhos azues da doente envolveram a filha n'um olhar cheio de ternura.

— Olha, Myrto, eu sei que não fui para ti uma boa mãe, embora te amasse immenso, não soube cumprir os deveres maternas. Gastei, gastei sem nunca pensar no teu futuro.

— Sou nova, minha mãe, trabalharei.

— Tu, trabalhares?! Pobre pequena que poderás fazer? A concorrência é enorme, e não poderás viver sósinha. E' necessario um lar no meio de uma familia seria. Pensei na minha prima Giselia. Sabes bem, que foi a unica da minha familia que manteve sempre relações comigo. Ella esposara, tres annos antes do meu casamento, o principe Segismundo Milcza. Um filho nasceu d'esta união. Ella deu-me parte alguns annos mais tarde da sua viuvez, depois do seu segundo casamento,

e nascimentos de quatro filhos e, enfim, nova viuvez. Ora lembrei-me, como recordação minha que talvez te recolhesse.

Myrtho voltando-se disse:

— Mamã, quer que eu vá mendigar a hospitalidade a parentes que não quiseram aceitar o meu querido pae?!

— Oh! os outros, não! Mas Giselia sempre fez differença do resto.

— No entanto, não me parece admissível que eu esteja á custa da condessa Zolangi!

— Não, mas deve ter relações boas, pois os Gisza, Zolangi, os Milcza sobre tudo são da primeira nobreza magyar.

Estes ultimos são de raça real e a sua fortuna é incalculavel. Giselia, melhor que ninguém poderá ajudar-te a encontrar uma posição segura, estou certa que será para ti uma protecção, um conselho... e desejo que lhe escrevas da minha parte, afim de te confiar a ella.

— O que quizer, minha mãe, disse Myrto cheia de tristeza.

Elyanni dictou um simples bilhete, bastante commovente chamando a attenção da querida parente; apoz a assignatura feita pelo punho de Elyanni, Myrto perguntou:

— Qual é a direcção d'esta carta?

(Continúa.)

Incendio do Teatro da Republica

Do belo teatro da Republica resta um montão de ruínas!

Lisboa ao acordar do dia 13, quando o sol mal se erguia do nascente, foi surpreendida pela alarmante noticia, que correu rapida, de que estava a arder o teatro da Republica.

A' 1 hora da madrugada, ainda a elegante sala de espectáculo apresentava todo o brilho das suas recitas sempre concorridas, cheia de espectadores que assistiam á representação de uma companhia de variedades que despertava os aplausos do publico. Depois dos ultimos acordes da *Can-*

ção do Fado, lindos quadros movimentados, notas populares de sentimentalidade nacional, cantadas a primor, os espectadores evacuaram a grande sala enviando aos artistas os ultimos aplausos daquela noite, até que o pano de todo desceu, as luzes se apagaram e tudo se reduziu ao silencio depois do ultimo rodar das carruagens e automoveis que se afastavam.

Todos os artistas e artifices da caixa sahiram tambem. Nada de anormal se denunciava. O guarda do teatro, depois de passar revista a todo o edificio, como de costume, recolheu-se ao seu quarto no pavimento superior. O porteiro fechou a porta da caixa e deitou-se.

Uns restos de luar pouco alumiam a escuridão da noite. Ouviam-se cantar os galos distante, antecipando o romper da aurora que se aproximava.

Chegavam aquelas horas em que toda a cidade repousa e em que só um ou outro notívago vagueia nas ruas, ou dorme nos bancos das praças, narcotizado sob os vapores do alcool, ou porque não tem outra pousada.

Veiu a madrugada e com os primeiros clarões do dia, principiou a esboçar-se o movimento nas ruas, quando dois rapasitos vendedores de jornaes, passando no largo das Duas Igrejas, dali avistaram para a rua Antonio Maria Cardoso o teatro da Republica donde sahiram espessos rolos de fumo negro por entre châmas dum brazeiro.

Fogo, fogo! gritaram os rapasitos e o alarme estava dado, correndo os rapazes á sede dos Bombeiros Voluntarios, do largo do Quintela, proximo, a dar parte do sinistro.

Ao mesmo tempo a companheira do guarda do teatro acordava meio sufocada com fumo, e levantava-se chamando o seu companheiro que dormia a sua melhor hora de sono.

Ela tratou logo de fugir, descendo a escada para a rua, assim como o porteiro, a quem acordou; mas o pobre guarda José Jacinto, estonteado, cheio de pavor, procurando salvar alguns poucos valores que tinha, quando tentou fugir pela escada, já esta estava tomada pelas chamas que ainda o lamberam queimando-o na barriga e nas mãos.

Os primeiros socorros que chegaram pouco puderam combater o fogo porque as mangueiras, que se applicaram ás bocas de incendio, estavam rôtas e a agua esguichava pelos buracos em vez de repuxar pela agulheta.

Entanto o guarda do teatro gritava aflito, da janela do seu quarto, que o salvassem, já cercado pelas châmas.

Deu-se então um acto de heroico humanitarismo, que cumpre registrar.

O sr. Pedro de Almeida, bombeiro voluntario do Porto e adido aos voluntarios de Lisboa, num gesto decidido, deitou uma escaia *crochet* aos

andaimes das obras do predio contiguo ao edificio incendiado, e dali conseguiu lançar uma corda ao guarda José Jacinto por onde este desceu para a rua, com a ajuda tambem do sr. Luis Pedro, chapeleiro, que o acompanhou num automovel ao hospital.

Estava salva a unica vida que corria perigo dentro daquele edificio em châmas, onde poucas horas antes, a'gumas centenas de pessoas haviam passado alguns momentos de descuidosa alegria!

De resto o incendio avançava com tal violencia, que impossivel era atalhar-o, succedendo-se as derrocadas a cada momento, o que punha em risco os bombeiros no seu valoroso ataque.

Todo o esforço teve de convergir a localisar o incendio, salvando os edificios proximos e o chamado Jardim de Inverno do teatro, onde o fogo não conseguiu chegar.

A linda sala de espectáculo depressa se transformara em escombros fumegantes donde irrompiam linguas de fogo, como lavas de crateras.

O fogo tudo devorara, incluindo o arquivo do teatro, originaes de peças, partituras, assim como a parte do arquivo que ali se guardava do teatro de D. Maria do tempo da sociedade dos actores Brazão e Rosas. Muito guarda roupa e joias de artistas e do teatro, instrumentos de musica, etc., tudo em cinzas ou sob os escombros. A fachada do teatro pouco soffreu, se bem que a parede parece arruinada.

Assim desapareceu entre ruínas uma das melhores salas de espectáculo, senão a mais elegante de Lisboa, por onde tem passado artistas dos mais celebres do mundo, como Sarah Bernhardt, Rejane, Duse, Vitaliani, Novelli e quantos mais e onde sempre tem brilhado a flôr dos artistas portuguezes, em noites de muita gloria e muita alegria.

O teatro D. Amelia, hoje denominado da Republica, foi inaugurado em a noite de 22 de maio de 1894, com a opereta *Filha do Tambor-mór*, de Offenbach, desempenhada pela companhia italiana Gargano.

Foi acontecimento sensacional em Lisboa, assistindo ao espectáculo toda a familia real, em recita de gala, por ser aniversario do casamento do rei D. Carlos e rainha D. Amelia, assim como tambem toda a cõrte e elite de Lisboa.

Havia o maior empenho de ver a nova sala de espectáculos de que se annunciavam maravilhas.

De facto toda a previsão foi excedida, o que nem sempre acontece, pois não só a disposição dos lugares, balcões, *promenoir*, oferecia novidade, como as decorações da sala *foyer* e botiquim (Jardim de Inverno) eram deslumbrantes, tendo caprichado os artistas decoradores em que se distinguia o afamado scenografo italiano Luigi Manini.



FACHADA DO THEATRO DA REPUBLICA DEPOIS DO INCENDIO



A SALA DE ESPECTACULO DESTRUIDA PELO FOGO

O novo teatro construído no terreno de uns barracões pertencentes à Casa de Bragança aforado pelo actor Guilherme da Silveira, reunia o melhor de commodidades e de elegancia que Guilherme da Silveira pôde estudar nos theatros lá de fóra por onde andou.

Todo o empenho do intelligente actor, era dotar Lisboa com o teatro moderno, isto é, reunir nele todos os progressos que até então estas casas de espectáculos apresentavam no estrangeiro, e conseguiu-o.

O teatro D. Amelia passou a ser o preferido pela melhor sociedade lisbonense, correspondendo sempre á elegancia do teatro a beleza dos espectáculos.

Por morte do actor Silveira, o teatro ficou só a cargo do seu socio sr. Visconde de S. Luiz de Braga, e este tão intelligente quanto carajoso empresario, fel-o progredir sempre com companhias de nossos primeiros artistas e trazendo áquelle palco artistas estrangeiros de fama com que apurou o gosto publico e serviu de ensinamento a muitos artistas portuguezes, que d'outra forma lhes não seria facil estudar nas grandes sumidades dos palcos estrangeiros.

O sr. Visconde de S. Luiz de Braga, com sua paixão pelo teatro, tem prestado incontestaveis serviços á arte dramatica portugueza, e é essa pai-



VISCONDE DE S. LUIZ DE BRAGA
FUNDADOR DO THEATRO DA REPUBLICA

xão que ainda agora o fará sair do abatimento natural em que este desgosto o deixou, para de novo se animar a fazer resurgir das cinzas, mais esplendoroso, mais radiante o seu querido teatro da Republica, para novas noites de gloria e de triunfos.

O teatro estava seguro na companhia Fidelidade em 100:000 escudos, resseguro por esta em outras companhias. Não se sabe como pegou fogo e vae proceder-se a rigoroso inquerito a este respeito.

Uma companhia de variedades organizada pelo sr. Lino Ferreira é que estava explorando o teatro, nesta epocha de verão, tendo inaugurado os seus espectáculos na vespera de ocorrer o sinistro.

Dessa companhia faziam parte os seguintes artistas: Sales Ribeiro, irmãos Gomes, Artur Costa, Isabel Fragoso, A. Peixoto, o excêntrico musical Milá, Filomena Lima, Zulmira Miranda e os afamados Duque e Gaby com os seus extraordinarios bailados.

NECROLOGIA

José Ramos Coelho

Surpreendeu-nos dolorosamente a noticia, que ora nos chega, da morte de Ramos Coelho occorrida no dia 15 do corrente.

Sendo a morte um tributo que todos teem a pagar, lei imutavel que todos cumprem mais cedo ou mais tarde, e Ramos Coelho não foi dos que a cumpriu mais cedo, aos 82 anos, custa nos sem-

pre a conformar com a falta daqueles que nos foram queridos ou pelo menos estimados.

Desde a nossa mocidade que admiravamos o poeta tradutor da *Jerusalem Libertada*, e estimavamos seu caracter honrado e integro, o exemplar cidadão chefe de familia e pae extremoso de um unico filho, que ele rodeava de cuidados, para lhe minorar quanto possível a falta dos carinhos de mãe que perdera aos 7 anos. Ramos Coelho acompanhava a educação de seu filho com desvelado interesse, vivendo só para ele, seguindo-o e ajudando-o nos estudos até ao fim de seus cursos brilhantes que o formaram engenheiro distincto, e que tão bons serviços tem prestado ao paiz.

Referimo nos ao sr. Francisco Augusto Ramos Coelho, que depois de ser director de obras publicas nos Açores e de dirigir as obras do porto de Lourenço Marques, é hoje engenheiro director da Exploração do Porto de Lisboa.

Mais nos atraía ainda para Ramos Coelho e era os pontos de contacto que os principios da sua vida tinham com a nossa; tendo ficado orfão ainda na infancia e partido, muito novo, com 12 anos de idade, para o eldorado do Brasil a iniciar sua vida de trabalho. Não lhe era de molde á sua indole a carreira comercial, como o não era tambem para nós, e voltando á patria dedicou-se ás letras, como nós nos dedicamos ás artes, empregando-se mais tarde na Bibliotheca Publica, no lugar de conservador, de que ha anos se havia aposentado.

No *Dicionario Portugal* encontram-se as seguintes notas biographicas e bibliographicas dos seus trabalhos literarios.

«José Ramos Coelho, poeta e historiador, era filho do tenente coronel Francisco Xavier Coelho e de D. Maria do Carmo Ramos Coelho, natural de Lisboa, nascido a 7 de fevereiro de 1832. Entrou para o serviço da Bibliotheca Nacional de Lisboa em 1864; e em 1867, sendo nela conservador, passou para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na mesma categoria, na qual foi aposentado, aos 65 anos, por decreto de 30 de setembro de 1867. Tem publicado 5 volumes de versos a saber: «Preludios poeticos»; «Novas poesias»; «Lampejos»; «Cambiantes»; «Reflexos».

Nestes volumes, quase no todo poesias originais, encontram-se varias traduções de autores celebres como Tasso, Dante, Manzoni, Byron, Victor Hugo, Lamartine, André Chenier, Millevoje, Lafontaine, Ovidio, Horacio, etc.

Afora estas traduções publicou outras poesias originaes, como: «A' nação portugueza, tributo de saudade pela morte do principe dos seus poetas»; «O Bussaco»; «Venezia»; «Homenagem a Camões»; «A Cristovam Colombo, poesia para a comemoração quadricentenaria do descobrimento da America celebrado pela Arcadia de Roma».

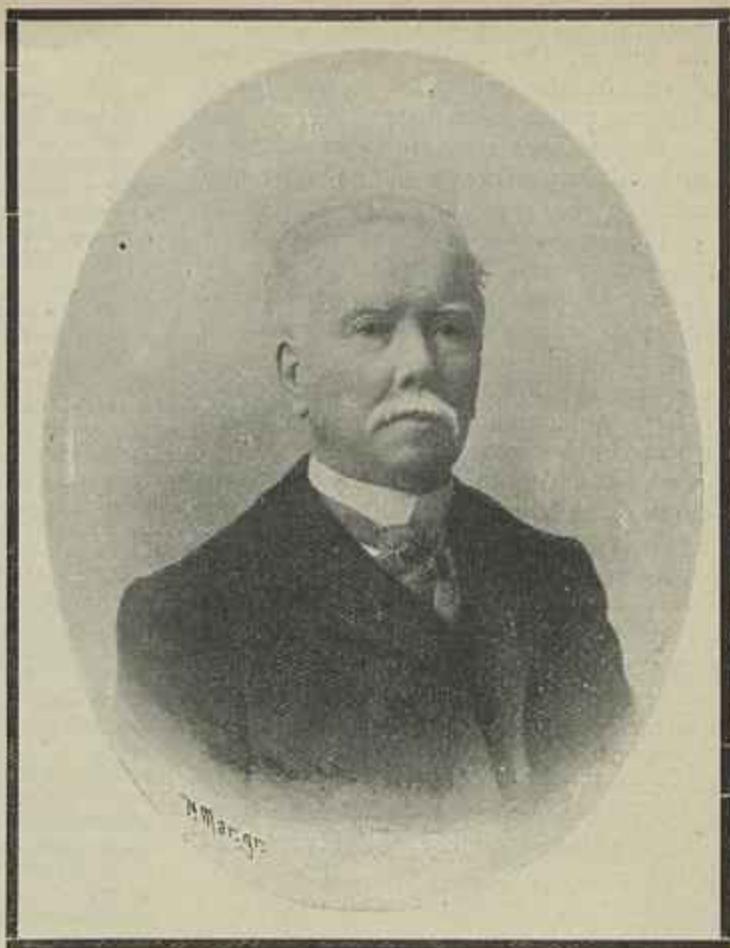
Entre as versões de Ramos Coelho a principal de todas e a mais notavel, é a «Jerusalem Libertada», de Torquato Tasso, vertida em oitava rima portugueza, de que se fizeram varias edições.

Como historiador publicou entre outras: «Historia do infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV, obra fundada em numerosissimos documentos e com desenhos do architecto milenez sr. Lucas Beltram e fototipias do sr. Carlos Relvas»; «Manuel Fernandes Villa Real e o seu processo na inquisição de Lisboa»; «A'cêrca do primeiro marquez de Niza».

Como crítico publicou: «A mãe de Camões, a proposito da opinião do sr. Wilhelm Storck».

Dirigiu a impressão da seguinte obra: «O hyssope», de Antonio Diniz da Cruz e Silva. Edição critica disposta e anotada por José Ramos Coelho com um prologo pelo mesmo acêrca do autor e seus escritos, acompanhada de variantes e ilustrada com desenhos de Manuel de Macedo e gravuras de Alberto, Hildibrand Pedroso e Severini.

Além destas obras, Ramos Coelho dirigiu e colaborou efectivamente na que se imprimiu em 1892 e figurou na exposição então celebrada em Madrid: «Alguns documentos do Arquivo Nacio-



JOSÉ RAMOS COELHO

nal da Torre do Tombo acêrca das navegações e conquistas portuguezas publicadas por ordem de S. M. F. ao celebrar-se a comemoração quadricentenaria do descobrimento da America.

Nessa exposição obteve uma medalha de ouro. Muitas das suas poesias teem sido traduzidas, e destas imprimiu-se ha pouco um volume com o titulo: «Poesias de Ramos Coelho vertidas em italiano, espanhol, sueco, alemão e francês».

Ramos Coelho era socio efectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vogal da Academia de Sciencias de Portugal, socio honorario do Gabinete portuguez de leitura do Maranhão, membro da Arcadia de Roma, socio correspondente do Instituto de Coimbra, da Real Academia de Lucca, etc.»

Para escrever a sua obra *Historia do Infante D. Duarte* fez uma viagem a Italia, onde, nos arquivos de Milão, compulsou e copiou muitos documentos referentes á vida do infeliz infante.

Prestando aqui o tributo da nossa saudade ao illustre poeta e velho amigo, juntamos a sentida expressão de nossas condolencias a seu illustre filho e distinctissimo engenheiro sr. Francisco Augusto Ramos Coelho.

Brito Aranha

Em Belem, onde se acolhera a repouso do seu labôr continuo e exaustivo de muitos anos — faleceu, a um cair de tarde remansosa, 8 de setembro, uma das organizações mais vigorosas de jornalista, uma das individualidades mais prestigiosas na imprensa portugueza — Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

Já avançado em anos — contava cerca de 81 — pundonoroso de conduta, irreprensivelmente honesto, agradável de trato, era respeitado e estimado por todos os seus colegas. A todos veio enlutar a noticia do seu falecimento, a todos veio conturbar de tristeza e surpresa, posto que momento a momento fosse receiada e temida a sua morte.

E que belo exemplo dá a sua vida de trabalho indefesso, sempre guiado pelos dictâmes mais severos da honra e do dever, a esta mocidade que ora começa a labutar...

Orfão aos quinze anos de idade, eil o, constrangido na necessidade de abandonar os seus estudos preparatorios, forçado a dedicar-se á arte tipografica para garantir os seus meios de subsistencia; em 1857, com 24 anos, entra decisivamente na arena da imprensa diaria a que se dedica com afinco e toda a exuberancia da sua natureza. E' primoroso o seu trabalho. Sendo o decano, era tambem, sem contestação, o modelo mais perfeito do jornalismo portuguez. Apesar da

faina fadigante que o absorvia, ainda aquella solida organisação mental tinha tempo para se dedicar ás mais pacientes investigações literarias que são de incontestavel valia como elementos utilissimos de consulta avultando o *Dicionario bibliografico* de que foi o continuador.

Paz á sua alma.

E a todos os seus amigos, parentes e colegas no *Diario de Noticias* endereçamos os nossos pêsames comovidos.

NOTAS BIOGRAFICAS

Pedro Wenceslau de Brito Aranha nasceu em Lisboa a 29 de junho de 1833, filho de Francisco Manuel de Brito e D. Maria José da Silva Brito.

Não conheceu seu pae porque nasceu dois dias depois daquelle ter morrido, e ficou orfão de mãe aos quinze anos de idade. Pobre, teve que interromper estudos e procurar recursos para viver.

Admitido numa tipografia particular al principiou a aprender a arte de Gutemberg, entrou depois para a Imprensa Nacional, onde, entre outros, teve por companheiro a Eduardo Coelho, o sempre lembrado fundador do *Diario de Noticias*, com quem travou relações.

O jovem tipografo era uma figura tão fransina e delicada, que os seus companheiros começaram a chamarem-lhe o *Aranha*, cognome com que ele não se agastou e, antes pelo contrario, com sua natural bondomia, adotou passando a assinar-se Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

No *Dicionario Portugal* lêem-se as seguintes notas:

« Brito Aranha estreou-se como jornalista, publicando no *Jornal do Centro* promotor das classes laboriosas, em 1852, um artigo sobre trabalhos da Associação Tipografica Lisbonense. A este artigo seguiu-se uma carta, publicada na *Tribuna do Operario*, de que então era director F. Vieira da Silva. Animado pelo bom acolhimento que estes escritos obtiveram, como iniciadores da sua vida jornalística, e aconselhado por alguns amigos, resolveu abandonar a arte tipografica, e entregar-se inteiramente á imprensa. Desde então tornou-se colaborador mais ou menos effectivo das folhas periodicas, onde se encontram muitos folhetins e artigos, originaes e traduzidos do francês e do espanhol, uns firmados com o seu nome e outros anonimos. Foi correspondente, em 1857, da *Revue espagnole, portugaise, brésilienne et hispano-américaine*, publicada em Paris, onde inseriu, entre muitos, um artigo no tomo III, de pag. 114 a 125, com o seguinte titulo: *Chronique Portugaise*. Pertenceu ao jornal *O Futuro*, como tradutor e revisor, depois como colaborador; e, quando este jornal se fundiu com a *Discussão*, formando um só, intitulado *Politica Liberal*, ficou encarregado da parte noticiosa do país e do estrangeiro, logar que exerceu até á terminação do referido periodico, em agosto de 1862. Foi tambem correspondente do *Distrito de Leiria*, e colaborador effectivo do *Archivo Pitoresco*, dirigindo os ultimos volumes deste importante semanario, juntamente com o erudito academico, ha anos falecido, Ignacio de Vilhena Barbosa. Em companhia de Francisco Vieira da Silva, foi membro da comissão promotora das associações operarias, no Centro promotor das classes laboriosas, e concorreu com persistencia e actividade para a criação de muitas agremiações populares.

Com referencia ao *Dicionario Bibliografico* de Inocencio Francisco da Silva de que Brito Aranha foi continuador, diz um dos seus biografos, o falecido escriptor F. Pereira de Sousa, num bem elaborado artigo publicado no *OCCIDENTE* de 25 de agosto e 5 de setembro, o qual vem transcrito no vol. XVII do referido *Dicionario*: « Morto Inocencio Francisco da Silva, o illustrado e laboriosissimo autor do *Dicionario Bibliografico Portuguez*, de quem fôra amigo intimo e cooperador constante, o sr. Brito Aranha, reconhecendo quão grande perda importava para as letras e para a bibliografia nacional a interrupção daquelle obra, propoz-se, aproveitados os subsídios e apontamentos do autor, continual a e completal-a em harmonia com o plano concebido e executado por Inocencio. Antes, porém, de metter ombros a tamanha empresa, consultou e assegurou-se do auxilio e coadjuvação dos individuos que considerava mais no caso de o coadjuvarem, ou mais lidos no assunto. Foi só depois de obtidas as mais lisongueiras adesões que o sr. Brito Aranha se resolveu a requerer, e conseguiu contratar com o governo de Sua Magestade, o proseguimento e conclusão daquelle grande e precioso inventario. Os volumes publicados (10.º a 16.º), desde 1883, ano em que veiu á luz



BRITO ARANHA

o primeiro (que é, na serie respectiva, o 3.º do suplemento), abrindo-lhe as portas da Academia Rial das Sciencias, que o elegeu seu socio correspondente, teem justificado plenamente o acerto da resolução adotada, demonstrando a capacidade e absoluta competencia do sr. Brito Aranha, que, em verdade, com os elementos de que dispõe quem, na nossa terra, se dedica ou emprende trabalhos de semelhante natureza e tal magnitude, difficilmente, cremos, poderia fazer mais e melhor. E' justo que especialisemos os dois volumes, dedicados á bibliografia camoneana, reputados, com justo fundamento, como um dos trabalhos mais amplos e mais completos que se conhecem sobre o centenario do imortal cantor das glorias portuguezas. No começo do 10.º vol. vem uma larga advertencia preliminar, em que o sr. Brito Aranha diz ter convivido quasi trinta anos com o autor do *Dicionario Bibliografico*, e que, na qualidade de testamenteiro e cabeça de casal, recolhera todos os seus papeis, em que encontrára muitos elementos aproveitaveis, posto que em grande parte incompletos e de difficil averiguação, para o proseguimento do *Dicionario*; que durante a vida daquelle escriptor repetidas vezes estudára com ele, e lhe fornecera tambem apontamentos e livros procurados com o intuito de o auxiliar nos seus trabalhos, e habituado á sua maneira de investigar e coleccionar, chegára, por assim dizer, ao lado, ou na presença dele, a formar colleções systematicas de obras e papeis varios, que são dos mais importantes e indispensaveis subsidios para a bibliografia. « Deste modo, continua o sr. Brito Aranha, trocavamos livros e folhetos, e ele, o meu prestante e leal amigo, no seu amor incontestavel e profundissimo ás letras nacionais, mais por affecto, que pelo minguado lucro, que poderia ter com a minha sincera dedicacão, alegrava-se em me ver tão propenso aos livros. Persuado-me até, que daí augmentou a sua amizade para comigo, daí nasceu a minha predilecção pelos estudos bibliograficos, e o estreitamento das nossas relações literarias.»

Fazendo parte da redacção do *Diario de Noticias* quasi do seu principio, foi, em 1889, por morte de Eduardo Coelho, nomeado redator principal daquelle diario, pelo cooproprietario do mesmo, conde de S. Marçal, de acordo com os mais colegas da redacção.

Brito Aranha pertenceu ás seguintes corporações literarias e scientificas: Associação Tipografica Lisbonense e Artes Correlativas, de que foi fundador, 1852; Instituto de Coimbra, diploma de 10 de janeiro de 1863; Associação Civilisação Popular, diploma de protector em data de 31 de dezembro de 1865; Albergue dos Invalidos do Trabalho, fundador e, por serviços extraordinarios, diploma de bemfeitor, passado a 19 de maio de 1868; Sociedade de Geografia de Lisboa, fundador, diploma de abril de 1876; El Fomento de las Artes, Madrid, diploma de 6 de abril do mesmo ano; Associação dos Jornalistas e Escriitores Portuguezes, fundador, diploma de 30 de novembro de 1880; Académie Mont Réal, de Toulouse, membro honorario de primeira classe, diploma de 31 de outubro de 1881; Sociedade Protectora dos Animaes, diploma de socio honorario de 21 de novembro do referido ano; Instituto Libre de Enseñanza de Valladolid, socio honorario, diploma de 1 de setembro de 1880; Instituto Arqueologico e Geografico Pernambucano, socio correspondente por diploma de 27 de abril de 1882, e

honorario pelo diploma de 10 de novembro do mesmo ano; Instituto Historico Geografico e Etnografico do Brasil, admitido em 7 de agosto de 1885; Real Associação dos Architectos e Arqueologos Portuguezes, socio honorario, diploma de 5 de setembro do referido ano; Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio correspondente, diploma de 11 de março de 1887; Gremio Artistico, socio fundador, diploma de 1 de abril de 1890; membro do Congresso geografico historico-portuguez-americano, por aviso do presidente da comissão organisadora, general Arroquia, sob a data de 31 de março de 1892. Em maio de 1897 recebeu aviso de ter sido eleito socio do Instituto Historico e Geografico da Bahia, ficando assim pertencendo ás tres primeiras corporações doudas do Brasil, e tambem a nomeação de socio correspondente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Brito Aranha empenhou-se seriamente para o restabelecimento da antiga Associação dos Jornalistas. Os estatutos respectivos foram aprovados por diploma de 24 de setembro de 1895, ficando Brito Aranha eleito presidente na primeira assembleia geral provisoria e reeleito por unanimidade na primeira assembleia geral da constituição definitiva, segundo os estatutos; em 1898, 1899 e 1900 continuou a ser reeleito, por ser considerado como o mais antigo jornalista de Lisboa, em serviço effectivo na imprensa, sem nunca ter exercido outras funções publicas. Tambem foi membro correspondente da Real Academia de Historia de Madrid, para que foi eleito por unanimidade.

Por seus livros para as escolas primarias, foi premiado na exposiçao internacional de Viena d'Austria de 1873, e na exposiçao universal de economia domestica de Paris de 1872. Na exposiçao agricola de Lisboa, realisada em 1884, na Tapada da Ajuda, obteve menção honrosa pela grande collecção de livros sobre agricultura, que apresentou. Na exposiçao musical celebrada em Milão, recebeu um diploma de menção honrosa por haver apresentado uma collecção de livros, teoria e pratica musical, de varios autores portuguezes, sendo alguns raros. No concurso aberto em Toulouse, em 1881, pela Academia de Mont-Real, foram-lhe conferidas as palmas de prata «ex-quo», diploma de 21 de janeiro de 1882; por carta regia de 7 de novembro de 1865, foi condecorado com o grau de cavaleiro da ordem militar da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, pelos serviços prestados como vogal da Associação Tipografica Lisbonense por occasião da epidemia da febre amarela no ano de 1857. Pela camara municipal de Lisboa foi-lhe concedida, pelo mesmo motivo, a medalha de prata (febre amarela, serviços humanitarios), sendo-lhe comunicada tal concessão por officio de 3 de agosto de 1869.

A sua collaboraçao na imprensa periodica é vastissima e por muitas vezes o *OCCIDENTE* se honrou com os seus escritos.

BIBLIOGRAFIA

1. *O casamento e a mortalha no ceu se talha*. Conto original, Lisboa, 1855.
2. *Uma tradiçao religiosa*. Lenda de Emílio Castelar, Lisboa, 1856. 8.º
3. *A galera do senhor de Vivonne*. Por Amédée de Bast. Romance, Lisboa, 1857. 8.º
4. *Viva o papa!* Opusculo politico. Tradução, Lisboa, 1857.
5. *O imperador, Roma e o rei de Italia*. Opusculo politico. Tradução. Lisboa, 1861. 8.º
- 6 e 7. *Lendas, tradições e contos espanhoes*. Lisboa, 1862. 8.º 2 tomos.
8. *O papa e o congresso*. Versão de um opusculo politico atribuido a alto personagem francês nas suas divergencias com a curia romana. Lisboa, 1859. 8.º
9. *Os jesuitas em 1860*. Lisboa, 1861. 8.º
10. *Os jesuitas e lazarietas*. 2.ª edição, acrescentada. Lisboa, 1861. 8.º de 200 pags.
11. *Glorificação da imprensa*. (Homenagem a Victor Hugo). Lisboa, 1862. 8.º Edição do autor. Tiragem limitada para brindes. Não se expoz á venda.
12. *Guia do paroco no exercicio do seu ministerio*, etc. (Com apendice: duas orações de Massilon). Lisboa, 1856. 8.º A esta edição seguiram-se outras pelo mesmo editor A. M. Pereira, mas com as quaes o compilador nada teve por se lhe haver dado outra orientação.
13. *O bom senso e o bom gosto. Humilde parecer*. Com uma carta do grande poeta A. F. de Castilho. Lisboa, 1856. 8.º
14. *Glorificação do actor*. Lisboa, 1864. 8.º Edição de contos do autor para brindes. Fora

dedicado ao grande actor Tasso, gloria da scena portugueza. Não entrou no mercado.

15. *Leituras moraes, instructivas e populares para as escolas primarias.*

16. *Primeiro livro da infancia.* Parte I e II.

17. *Memorias historico-estatisticas de algumas vilas e povoações de Portugal.* Com documentos ineditos e prefacio do illustre e benemerito academico e bibliografo Inocencio da Silva, fundador do *Dicionario bibliografico portuguez*, Lisboa, 1871. 8.º

Grosso volume de quasi 350 pags., contendo as seguintes muito interessantes monografias: I. *Povoa de Varzim.* — II. *Louçã.* — III. *Marinha Grande.* — IV. *Peso da Regoa.* — V. *Mossamedes.* — VI. *Vista Alegre.*

18. *As armas pela França.* Scena dramatica dedicada a Victor Hugo e representada com aplausos unacimes, repetidas vezes, no theatro do Ginasio. Tem adjunta a traducção em francès com o vigoroso hino *A Marselhesa.* Lisboa, 1871. 8.º

19. *Lgrimas e saudades.* Duas palavras ao sr. Teofilo Otoni acerca de Rebelo da Silva, com o retrato deste egregio estadista, poeta e orador. Lisboa, 1872. 8.º

20. *Compendio de corografia do Brasil para uso das escolas primarias.* Lisboa, 1872. 8.º

21. *Emilia dos Anjos.* Esboço biografico critico com o retrato dessa atriz. Lisboa, 1872. 8.º

22. *Esboços e recordações.* Lisboa, 1875. 8.º Contém notas descritivas de varias localidades nacionaes e biografias de cidadãos illustres.

23. *Camões e os Lusíadas. 1580-1880. Ideia da resurreição da patria.* Discurso na sessão solene da Associação dos melhoramentos das classes laboriosas. 1880. 8.º

24. *Gravura de madeira em Portugal.* (Importantissima collecção de gravuras do professor de gravura João Pedroso, com artigos descriptivos do autor). 4.º

25. *Processos celebres do Marquês de Pombal. Factos curiosos e escandalosos da sua epoca.* Lisboa, 1882. 8.º

26. *Exposição agricola de 1884 na Tapada da Ajuda. Instrução agricola. Bibliografia.* Lisboa, 1884. 8.º

27. *Subsidio para a historia do jornalismo nas provincias ultramarinas.* Lisboa, 1885. 8.º Com gravuras.

28. *Mendes Leal. Memorias politicas e literarias.* Lisboa, 1887. 8.º Com o retrato do illustre estadista, poeta e escritor. Constitue um volume da collecção do Brinde, do *Diario de Noticias.*

29. *Contos de Trueba.* Com prefacio do conde de Valençães (dr. Luiz Jardim). Lisboa, 1889. 8.º

30. *Rapport de la section portugaise. (Premier congrès international de la presse 1894. Anvers).*

Lisboa, 1894. 8.º Com a collaboração do dr. Magalhães Lima.

31. *A imprensa em Portugal nos seculos XV e XVI. As ordenações de El-Rei D. Manuel I.* Lisboa, 1898. 8.º Com estampas fac-similes.

32. *Bibliographie des ouvrages portugais pour servir à l'étude des villes, des villages, des institutions, des mœurs et coutumes, etc., du Portugal, Açores, Madère et possessions d'outremer.* Lisboa, 1900. 8.º gr.

Impressa por conta do governo portuguez para a exposição universal de Paris.

33. *Mouvement de la presse periodique en Portugal de 1896 a 1900.* Lisboa, 1900. 8.º gr.

Ibidem.

34. *Resenha sucinta ou guia do que se contém nos volumes de miscelaneas apresentados na exposição do Rio de Janeiro como bagagem de um jornalista.* Collecção unica. Lisboa, 1908. 8.º

Não entrou no mercado. O expositor foi premiado com medalha de prata.

35, 36 e 37. *Factos e homens do meu tempo. Memorias de um jornalista.* Com retratos e fac-similes. Lisboa, 1907-1908. 8.º 5 tomos.

38 a 49. *Dicionario bio-bibliografico portuguez. Estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*

50 e 51. *A obra monumental de Camões. Estudos bio-bibliograficos.* Lisboa, 1881-1889. 8.º gr. 2 tomos com mais de 800 pag., estampas e fac-similes.

52. *O Marquez de Pombal e o seu centenario.* Lisboa, 1907. 8.º gr. de 226 pag. Com estampas.

53. *Contos e narrativas.* 1909. 8.º

54. *Nota acerca das invasões francêsas em Portugal, etc.* Lisboa, 1909. 8.º gr.

55. *Antes e depois da batalha do Bussaco. Factos e homens dessa epoca memoravel.* Lisboa, 1911. 8.º Com o retrato do general Wellington, copia de gravura antiga. Com documentos ineditos.

56. *Cristovam Colombo.* Comunicação á Academia das Sciencias de Lisboa acerca da sua naturalidade com uma carta do academico sr. Prospero Peragalo. Lisboa.

57. *Cristovam Colombo.* Segunda comunicação á mesma agremiação scientifica. Idem.

58. *Instituto historico e geografico do Brasil.* Idem.

59. *Gabriel Pereira.* Notas bio bibliograficas, com uma carta do sr. Gomes de Brito. Idem. Com gravuras.

Além destes tem mais para imprimir:

60. *Dicionario bio-bibliografico,* tomo XXII (em preparacção adiantada).

61. *Quadros da vida portugueza antigos e modernos.* (Servirão de ampliação ás *Memorias*, das quais o autor já publicou cinco volumes, como se registam acima).

62. *A mulher nas diversas relações na familia e na sociedade* (segundo os estudos de um abalizado publicista).

63. *Aditamento á «Nota acerca das invasões francêsas»,* publicada em 1909, com documentos novos e interessantes.



Publicações

Revista Agronomica — Orgão da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal (Fundada em 1903). Comissão de redacção, os engenheiros João Inacio Menezes de Pimentel, presidente; R. Ferro Mayer e C. da Cunha Coutinho, secretarios, etc. Editor A. Pereira — Lisboa — Tip. do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 24. Ano X (2.ª serie) 1914. Vol. I. N.º 1 a 4 desta importante revista com os seguintes artigos:

Palavras... leva-as o vento, J. J. Menezes Pimentel; *A Biometria e as sciencias agronomicas,* R. Ferro Mayer; *O melhoramento nacional das plantas,* Armando Cortezão; *Se Protelame ou l'unité da Champignon,* Lachiche Wugues; *Química-Agricola,* A. Peres Durão; *Industrias Agricolas,* C. da Cunha Coutinho; *Agricultura Colonial,* José Relvas, etc., etc.

IMPORTANTE AVISO

Aos srs. annunciantes

Previne a Administração d'esta Revista que nenhum agente está autorisado a tratar de annuncios para o «OCCIDENTE» sem que apresente o seu cartão de identidade passado por esta Administração assim como se previne que nenhum annuncio é pago na occasião do contrato.

A ADMINISTRAÇÃO.

ATTENÇÃO

A Empresa do «Occidente» acceta propostas para agentes em todas as terras do paiz, Africa e Brazil.

TRESPASSE

BOM EMPREGO DE CAPITAL

No centro da cidade ha um magnifico e acreditado estabelecimento de ourivesaria, que se trespassa pelo motivo do seu proprietario desejar retirar-se do comercio.

Carta ás iniciais S. A. R. **Avenida da Republica, 84-B LISBOA**

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

GRAND PRIX. O Melhor Premio da Exposição - LONDRES 1906

CONTRA A DEBILIDADE
VITAMINO NUTRITIVO DE CARNE
O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE
TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS.
AVENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Belem 1883, Anvers 1884, Lisboa, 1888, Paris, 1889, Londres 1906, Rio de Janeiro 1909, etc.

Pedro Franco & C.
Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Pectoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e no mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e pre-
viligiado.

Pedro Franco & C.
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA